

Brasil o País dos Futebóis.

EMEF Caio Sergio Pompeu de Toledo
Renan Luiz Ribeiro Santana

Em 2018, entrei como professor efetivo na Escola Municipal Caio Sérgio Pompeu de Toledo, que fica na Cidade Tiradentes, região do Extremo Leste da cidade de São Paulo. Me foi atribuída aulas para o 9º Ano A e B, e os 4º anos. Ao perguntar como era a realidade da escola e especificamente da educação física, ouvi relatos de que era difícil pois os alunos não queriam nada e que eram acostumados a ficar na quadra, discurso este muito comum em diferentes escolas, tanto nas escolas que já passei, e também pelo que já ouvi em conversas com colegas e amigos/amigas de profissão. Pensei em abordar o tema futebol por ser ano de copa do mundo de futebol masculino, pois é um tema presente nas mídias, nos telejornais, nas propagandas comerciais, e nos demais programas há uma presença bem forte, além de ser uma temática comum e abrangente no cotidiano escolar; por trabalhar em uma escola Estadual no mesmo bairro, e por saber um pouco das funções sociais que o futebol tem. Sendo um bairro conhecido como bairro dormitório, que foi por décadas o maior conjunto habitacional da América Latina, e que neste contexto, vivem pessoas de diferentes regiões, histórias, características, formando assim um bairro multicultural. Enquanto a diversidade cultural for um obstáculo para o êxito escolar, não haverá respeito às diferenças, mas produção e reprodução das desigualdades (Neira, 2014)

Neste desafio, o primeiro contato foi observar como era a educação física e aproveitei para explicar o projeto e explicar o tema central das aulas: Brasil, o país dos FUTEBOIS. Passei para eles o roteiro de estudo que seguiria tal ordem sequencial: mapeamento, vivência, aprofundamento, ressignificação e avaliação em processo.

Trabalhando na perspectiva da identidade e diferença, o primeiro momento foi usado para conhecer os alunos e mapear o conhecimento que eles têm sobre o futebol e como era a prática. Observei que os alunos e alunas estão acostumados a ficar na área externa da escola de maneira "livre", sendo que os meninos, que querem, jogam futebol na quadra, algumas meninas vôlei em outro espaço, outros basquetebol, e algumas meninas ficam andando em volta da quadra. Nas primeiras semanas de aula, pela organização da grade de horários, tive mais aulas no 9ºA no qual, pude seguir no mapeamento, pedindo que eles jogassem futebol, um tempo (5 minutos) destinado às meninas e 5 minutos para os meninos. Todos participaram da aula, a princípio com certa resistência, porém, houve participação de

alguns que não se sentiam participante da aula. Abro um parêntese, para dizer que os alunos de outra sala, tanto no momento que estão com a outra professora de educação física, quanto o professor de modulo que é de educação física, ficam na área externa e há um modo sistêmico de acontecer o futebol sendo só para aqueles que chegam e "dominam" a quadra. Sendo estes habilidosos, e que falando mais alto, ocupam o espaço do modo que eles bem entendem.

Num outro momento, pedi que eles fizessem, em grupo, um esquema em folha sobre o futebol ligando ao tema tudo o que eles conseguiam lembrar sobre o futebol. Foi possível observar nos esquemas a predominância da ideia de futebol de campo, das brigas entre torcedores, entretanto, o que mais me chamou a atenção foi o fato de que foi bem difícil fazer com que se sentassem em grupos para realizar esta atividade. No 9º A Havia um certo receio de se aproximar do outro, e que mesmo entre os alunos e alunas que já estiveram na mesma sala em anos anteriores, havia uma barreira que os impedia de se aproximar, e em vários momentos as piadas em relação a algum padrão físico sempre surgia. No 9º B não haviam piadas, entretanto, já haviam grupos formados e que não interagiam entre si. Pedi então, para que fizessem um texto individual relatando o que pensavam sobre futebol.

Ainda na proposta de identificar a prática, e observar como se davam as relações e as habilidades específicas do futebol, oportuneizei uma bola para cada grupo, que eles escolheram e com a quantidade que eles quisessem; os orientei que deveriam utilizar a bola sem as mãos da forma que conseguissem. Alguns meninos jogaram o futsal tradicional, o que sempre acontece na quadra, as meninas, em sua maioria, fizeram grupinhos e ficaram passando a bola uma para a outra. Em determinado momento, algumas meninas do 9ºB decidiram fazer um jogo em um espaço anexo, conhecido como "quadrinha", pegaram cones, separaram os times e jogaram por mais de 15 minutos. Naquele momento percebi uma contradição, pois a maioria das que estavam jogando, colocou no texto, que não gostavam de futebol. Fiz um vídeo da pratica e mostrei a eles na aula seguinte, em uma roda de conversa questionando o porquê, a fala das meninas foi que anteriormente elas não tiveram oportunidade, tendo como motivo serem meninas, por que outros professores não oportunizaram a prática, e que há hegemonia masculina.

Tivemos um período de greve, e retornamos após 15 dias.

Ao retornar, tentei fazer em sala um diálogo sobre o fenômeno cultural que é o futebol. Foi superdifícil dialogar, pois alguns alunos e algumas alunas sempre querem "descer" e acreditam que ficar na quadra é Educação física, independente se é aula vaga ou aula regular. Entretanto, ainda não sabia como dinamizar a prática, a cada aula me via mapeando o

conhecimento deles, e ao mesmo tempo me via aprofundando o conhecimento, que eram sempre fechados e resistentes ao diálogo e as práticas que não fossem os habituais. Propus um desafio, de que eles pensassem uma atividade de futebol para alunos dos 4º anos. Como dou aula para os 4º anos se facilitou esse processo. Percebi que isso os motivaria, chegando a ouvir de um aluno: “ Dahora!! Vamos ensinar os menor”. Separados em grupos, foi pedido que se pensasse em atividades e que essas atividades fossem registradas em um "plano de ação". Elaborado este plano de ação, fomos para a pratica, onde um grupo por vez, apresentou para os demais da sala, e assim deveriam analisar a atividade e a participação, adequando, se necessário, o que foi pensado inicialmente. Esta atividade teve grande valia pois oportunizou a ocupação da quadra, aos alunos e alunas que não são praticantes do futebol. Pude ouvir e ver, alguns alunos auxiliando aqueles e aquelas que tinham dificuldades, e em especial, ver as meninas e outros sujeitos que não acessam a quadra, ocupando o espaço que até então é de exclusividade dos praticantes do futebol, nesse caso, meninos habilidosos, e duas meninas de outra sala. Observei que as atividades propostas pelos grupos, se deu de modo estático, onde se ficava em fila e deveriam chutar a bola para o gol, ou como pênalti, ou falta, zig zag entre cones. Nenhum grupo pensou em fazer brincadeiras, até então, pensada por mim como popular, como “três dentro três fora”, “linha”, “bobinho”, etc.

Na semana seguinte, cada grupo apresentou para determinada sala, escolhidas por sorteio, as atividades propostas para os alunos e alunas dos 4º anos. Pedi após essas vivências, que os quarto anos registrassem como foi, do ponto de vista deles, a pratica. Todos colocaram nos registros que gostaram da atividade, não houve nenhum registro negativo ou que sugerisse mudança. Passei para os alunos que se sentiram felizes, e pedi que fizessem um relatório, seguindo um modelo, para enriquecer o relatório, não deixando que ele ficasse somente na questão do gostei, ou não gostei. Dentro da proposta de trabalho, já pensando no aprofundamento, conversei com a gestão da escola para saber da possibilidade de fazer visitas pedagógicas, uma ao campo de futebol próximo a escola e outra ao museu do futebol. Prontamente recebi uma posição de que ia ser viabilizado.

A partir de então, começou a melhorar o diálogo e ouvi de algumas meninas que o futebol era legal, que praticavam no prédio, que o futebol cansava, e de alguns meninos que elas sabiam jogar. Esse jogar, pela minha percepção era em relação as habilidades específicas, chutar, passar..., mas que por si mesmo, os sujeitos já observavam que o futebol tinha mudanças de acordo com os sujeitos que praticavam. Comecei a observar que os que não se viam como sujeitos ativos da aula, ora por não serem estimulados no decorrer desses anos de escolarização,

e que os estímulos se deram pela colonização do currículo, que eles e elas eram diferenciados pelo conteúdo aprendido.

Dando sequência, explanei em sala, sobre a perspectiva cultural que envolve o futebol. Pensando que a prática pode ser por lazer, por esporte, ou por brincadeira, como identificar estas diferenças de práticas? Expliquei sobre os sujeitos, sociedade e cultura, e os questionei sobre como que determinados sujeitos de determinadas características são vistos pela sociedade. Algumas respostas foram a do senso comum, de que era para emagrecer, ou que seria goleiro... outras já vieram numa ideia que quebra o daltonismo Cultural. Neste momento, pedi para que nos organizássemos em grupos, sendo um para o lazer, outro para brincadeiras e outro para esporte, onde cada grupo iria pensar no futebol por esse viés e que nossa prática nas aulas, seriam determinadas pelo que o grupo sugerisse. As escolhas do grupo foram livres, onde cada um pode escolher por afinidade, e somente pedi um líder, e que eles procurassem esse líder e assim pensar nas atividades, esta proposta não deu certo, a minha análise é de que foi um pedido muito complexo.

Mesmo já vendo melhoras na participação dos alunos e alunas, e o engajamento dos que até então não se viam como participantes, ainda mantenho um combinado de que uma aula na semana, eles ficarão livres para manter a prática do futebol na quadra, vôlei do lado de fora, e aqueles que quiserem ficam sentando, pois ainda pedem isso, percebo que esta prática se dá pelo fato de haver poucos espaços públicos de lazer no raio que envolve a escola. A participação em quadra já acontece de modos diferentes, há outros sujeitos aparecendo e permanecendo na prática da quadra, mesmo ela ainda sendo o Futebol.

Nesse interim, ouvi nos corredores que eu estava fazendo um passeio para os alunos indisciplinados para o museu do futebol e que serviria de moeda de troca para que eles se comportassem. Foi marcado uma reunião do conselho de Escola, com o tema: Passeios. Eu como participante do conselho estive presente, este assunto foi discutido no conselho e fui questionado sobre isso. Com base no planejamento, expliquei qual era a finalidade dessas visitas, explanando a ampliação do conhecimento, que ela tinha o cunho pedagógico e que em relação aos alunos indisciplinados, há diferentes sujeitos na sala de aula, e que eu como professor tenho responsabilidade em sala de aula que, assim como o aluno não é excluído da sala de aula, ele também não pode ser excluído de uma visita pedagógica. Esta fala foi colaborada pela gestão da escola e bem aceita pelos demais participantes do conselho. Sendo aprovado pelo conselho da escola nossa ida. Destaco a fala de uma mãe de aluno que balbuciou: *“- se para todo passeio for assim, vai ficar difícil sair da escola”*.

A todo momento eu fazia uma avaliação, pensando em como oportunizar a prática sem cair num daltonismo cultural, e sem esquecer de que estava oportunizando esta temática aos

diferentes, e que nem todos seriam os jogadores, mas que é possível ter outras posições neste fenômeno. A forma de pensar era sempre com os ouvidos abertos ao que os alunos e alunas falavam, para aumentar a possibilidade de interação em outras formas de pensar e agir.

Seguindo a rotina das aulas, como planejado fomos para um campo próximo a escola, estávamos aprofundando o conhecimento e ampliando o conhecimento, visita essa que já estava previamente agendada e que serviria para vermos o futebol de campo, e principalmente seu papel social no bairro. Conhecemos a associação esportiva que é responsável pelo campo em alguns dias da semana, descemos andando até a o campo, e lá encontramos o presidente do Esporte Clube Aliança, e o diretor Esportivo, que foi quem eu fiz primeiro contato. Fomos com dois professores. Ao chegar no campo, seguimos por mais dois quarteirões para conhecer a sede do "Aliança". Sede essa que fica em uma garagem e lá é guardado troféus, medalhas, fotos antigas, bandeiras, e carteirinhas de ex-atletas. Ouvimos a história do "Aliança". Esta história, se deu início a 30 anos, sendo a mesma época de início da ocupação da cidade Tiradentes, logo deu para ouvir a história do bairro, junto com o futebol. Após conversarmos, voltamos ao campo e 11 meninos, neste dia só foram 13 meninos das duas salas, jogaram contra um time que estava treinando. As meninas, que eram a maioria não quiseram jogar e só após terminar o jogo elas entraram em quadra e quiseram chutar alguns pênaltis. Voltando para a escola comecei a ouvir no caminho alguns relatos de alunos que gostariam de treinar no "Aliança" e outros alunos que falaram que o pai já havia treinado e jogado no Aliança. Entre o que foi ouvido, falaram que não é só os homens que jogam, que no futebol não há espaço só para os jogadores, mas que há outras possibilidades, como no relatado pelo presidente, da ajuda da esposa, do auxílio das mães, de como ele é referência para alguns meninos que não tem pai, do sonho de ter o futebol feminino, com uma treinadora mulher, de trabalhar e assim fazer o uso de recursos próprios para a manutenção do Aliança.

Na aula seguinte, direcionei a conversa, perguntando qual era a percepção deles do jogo, e muitas relataram que os meninos eram ruins, pois levaram muitos gols dos meninos do Aliança, e ao mesmo tempo, eles argumentavam que o campo era muito diferente, e que eles não eram ruins, propus a reflexão da diferença do jogo que eles viam na TV, o que acontecia na escola, no prédio, e o que eles viram no campo. Por mais obvio que pareça a pergunta, por mais que estes espaços tenham a predominância masculina, foi possível, observar as questões multiculturais do futebol, dos sujeitos nos diferentes espaços.

Comecei um combinado com o professor que precisaria de uma aula durante a semana somente com os alunos da sala, pois tinha percebido que a quadra era tomada pelos meninos habilidosos, para um "contra", e que era isso que mandava na quadra. Ao deixar o espaço para a sala, fiquei surpreso ao perceber que muitos e muitas se apropriaram da quadra e revelaram

habilidades do futebol, e que ao propor um jogo de futsal, dividindo o tempo, primeiro os meninos e depois as meninas, o jogo rolou tranquilamente, mesmo começando com algumas reclamações dos meninos de que as meninas não sabiam jogar, eu disse que o espaço era nosso, e que aquele momento era para todos, independente da habilidade. As meninas jogaram, e ao ouvir minha fala e se perceber no espaço, algumas começaram a pedir mais oportunidades e que não há uma democratização da quadra, e solicitaram mais oportunidades para outros esportes.

Chegou o dia da visita ao museu do futebol e esta visita teve grande importância. Ao chegarmos ao Pacaembu, muitos ficaram impressionados pois só o conheciam pela TV, eles deram a volta no campo e depois entraram no museu e viram como o futebol pode ser representado de diferentes maneiras e como há diferentes sujeitos na história deste fenômeno. Infelizmente por estarmos no extremo Leste da capital, o ônibus atrasou e tivemos menos tempo do que era programado para conhecer o museu. Ao perguntar o que eles tinham visto, o que mais gostaram e o que menos gostaram, a maioria, relatou as grandes diferenças do futebol, que há várias possibilidades de representar o futebol, e que não é só os jogadores que participam do futebol.

Elaborei um roteiro baseado no currículo da cidade com diversas referências bibliográficas expectativas de aprendizagem e, depois de perceber que o trabalho em grupo do futebol como lazer, brincadeiras e esporte, não havia rolado. Pedi que fizessem perguntas de acordo com um roteiro de estudo, baseadas nas expectativas de aprendizagem para o esporte de invasão do currículo da cidade. Apareceu muitas perguntas interessantes e que ampliou a visão do futebol e colocou os alunos e alunas como sujeitos de ação, ao propor isso, lhes causou muita estranheza está participação ativa na aula, mas persisti em pedir que eles fizessem perguntas e que essas perguntas direcionassem a nossa prática. Apareceu muitas perguntas interessantes. Dentre as perguntas que apareceram, havia uma sobre técnica e tática, me lembrei do pebolim humano e fiz junto com a sala. Eles participaram dessa prática e no começo eles reclamaram de ter que participar, mas que durante a prática eles puderam ir percebendo a tática de ataque e defesa. Outra pergunta foi sobre a função da mídia no futebol e apresentei vídeos da região e uma sátira dos Barbixas: Futebol, disponível no Youtube.

Como chegamos ao fim do bimestre pedi para que fizessem uma autoavaliação do nosso processo. Que se dessem uma nota e que explicassem o porque. Os alunos e alunas ficaram assustados com essa comanda, e que nunca tinham visto isso, lhes disse que aquilo serviria para que analisássemos o que foi aprendido e dentro da particularidade de cada um, e que pra mim simplesmente dar uma nota é injusto pois daria uma nota pelo que eu “ensinei” e não pelo que eles “aprenderam”. Todos, de ambas as salas fizeram a autoavaliação e relataram o que

aprenderam e pude ver que eles já conseguem perceber a equidade que conseguimos adquirir nesse tempo, e que eles já se veem como sujeitos ativos da aula.

Diferente do que eu havia pensando no começo da proposta de trabalho, em que eu tinha como expectativa oportunizar diferentes práticas do futebol, o projeto Brasil o país dos futebóis, serviu para dar aos sujeitos envolvidos a possibilidade de descolonizar o currículo a partir de si, garantindo o protagonismo e autonomia desses sujeitos, dentro de uma percepção multicultural e pós-crítica, quebrando fronteiras criadas ao longo de anos de escolarização.